

DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTIVA 2

WENDELL LUIZ LINHARES
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora

Ano 2019

Wendell Luiz Linhares

(Organizador)

**Desdobramentos da Educação Física
Escolar e Esportiva**

2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D449	<p>Desdobramentos da educação física escolar e esportiva 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-651-5 DOI 10.22533/at.ed.515190110</p> <p>1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I.Linhares, Wendell Luiz. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra nos chama a atenção, pois, fomenta uma reflexão a partir de diferentes elementos, os quais, muitas vezes passam despercebidos em nosso cotidiano, porém, quando visualizados, demonstram o quanto plural é a constituição do “campo” acadêmico e científico da Educação Física. Neste sentido, o volume dois do e-book “Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva”, configura-se numa obra composta por dez artigos científicos, os quais estão divididos em dois eixos temáticos. No primeiro eixo intitulado “Esporte e Treinamento”, é possível encontrar estudos que discutem e apresentam tanto aspectos relacionados a avaliação, aplicação de testes e exercícios, e como estes impactam no corpo humano, quanto estudos que abordam o esporte, por um viés técnico e tático ou que buscam compreender a construção de seus significados, de tal fenômeno, em locais específicos. No segundo eixo intitulado “Educação Física Escolar e Comunidade”, é possível verificar estudos que discutem aspectos da Educação Física Escolar a partir da percepção do professor, não obstante, pesquisas que abordam a construção, aplicação e avaliação de projetos extensionistas nas comunidades, bem como, da prática do futebol e a relação comportamental da família com o sujeito praticante. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e do exterior, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO EFEITO DO TIPO DE SAQUE SOBRE A PRECISÃO DO FUNDAMENTO RECEPÇÃO NO VOLEIBOL	
<i>Fernanda Dalmaso da Rocha Gambeta</i> <i>Bruno Sérgio Portela</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901101	
CAPÍTULO 2	5
AValiação DOS NÍVEIS DE FLEXIBILIDADE EM PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA E ARTÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA	
<i>Cybelle de Arruda Navarro Silva</i> <i>Aline de Freitas Brito</i> <i>Adriano Césares Mesquita Brasil de Farias</i> <i>Eliete Samara Batista dos Santos</i> <i>Marina Gonçalves Assis</i> <i>Fernanda Antônia de Albuquerque Melo</i> <i>Hellen Christina de Belmont Sabino Medeiros</i> <i>Fabiano Ferreira de Lima</i> <i>Rinaldo Silvino dos Santos</i> <i>Igor Henriques Fortunato</i> <i>Larissa Beatriz Lisboa Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901102	
CAPÍTULO 3	13
BENEFÍCIOS DO TREINAMENTO RESISTIDO A SAÚDE	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Jessé Floriano Vieira</i> <i>Nadyelly Netto Flores Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901103	
CAPÍTULO 4	22
EXERCÍCIOS RESISTIDOS EM ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO COM HIPERLORDOSE LOMBAR	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Tiago Rodrigues Silva</i> <i>Weyller dos Anjos Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901104	
CAPÍTULO 5	31
OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ – ESQUECIMENTO, AUTENTICIDADE E PERTENCIMENTO	
<i>Fábio Souza Vilas Boas</i> <i>Romeu Araújo Menezes</i> <i>Eujácio Batista Lopes Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901105	

CAPÍTULO 6 40

PREVALÊNCIA DE SINTOMATOLOGIA DOLOROSA EM PRATICANTES DE CROSSFIT DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

Victória Silva Midlej Ribeiro
Vagner Lemos Rodrigues
Hegle de Assis Pereira
Patrícia Bueno Böhm
Nivaldo Oliveira Castro Júnior
Nathália Santos Ribeiro
Vinícius Rodrigues Novais
Rodrigo César Amâncio Neves dos Santos
Edimara Bezerra Almeida

DOI 10.22533/at.ed.5151901106

II. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E COMUNIDADE

CAPÍTULO 7 49

A RELAÇÃO PAIS E FILHOS DENTRO DE ESCOLAS DE FUTEBOL E FUTSAL

Paulo Franco Neto
Juliana Martins Pereira

DOI 10.22533/at.ed.5151901107

CAPÍTULO 8 61

ANÁLISIS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EL ENTORNO DE LOS COLEGIOS RURALES AGRUPADOS DE GALICIA, ESPAÑA

José Eugenio Rodríguez-Fernández
José Carlos Fernández-Suárez
Paula Lois-Martínez

DOI 10.22533/at.ed.5151901108

CAPÍTULO 9 73

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A RESPEITO DE CONFLITOS EM AULA

Andreia Camila de Oliveira
Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.5151901109

CAPÍTULO 10 85

PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: REDE DE COLABORAÇÃO INTERNACIONAL

Súsel Fernanda Lopes
Rubens Venditti Júnior

DOI 10.22533/at.ed.51519011010

CAPÍTULO 11 95

ATLETISMO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO PARA AS PROVAS DE REVEZAMENTO

Rodrigo Constantino de Melo
Ígor Schardong
Nestor Rossi Júnior
Amanda Simões Martins
Kairam Ramos Rios

CAPÍTULO 12 99

POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DO CONTEÚDO VOLEIBOL NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO 1º AO 4º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcelo Oliveira Melo

Ednaldo Luiz da Silva

Lucas Savassi Figueiredo

Fabiano de Souza Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.51519011012

CAPÍTULO 13 112

ESPORTE E SOCIEDADE: CONCEPÇÃO DOS VALORES ADQUIRIDOS A PARTIR DA PRÁTICA ESPORTIVA EM UM PROGRAMA SOCIAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Cícera Luana de Lima Teixeira

Richardson Dylsen de Souza Capistrano

Sávia Maria da Paz Oliveira Lucena

Brás Paulo de Souza

Rubens Cesar Lucena da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.51519011013

SOBRE O ORGANIZADOR 126

ÍNDICE REMISSIVO 127

OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ – ESQUECIMENTO, AUTENTICIDADE E PERTENCIMENTO

Fábio Souza Vilas Boas

Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB
Porto Seguro – BA

Romeu Araújo Menezes

Instituto Federal de Educação Ciência e
Tecnologia Baiano – IFBAIANO
Ilhéus – BA

Eujácio Batista Lopes Filho

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Porto Seguro – BA

RESUMO: Este artigo se destina a estudar as manifestações esportivas tradicionais indígenas Pataxós, mais especificamente os Jogos Indígenas Pataxós (JIP), realizados desde o ano 2000, no estado da Bahia. Objetiva-se analisar os seus sentidos e significados sociais, desde a sua criação até os dias atuais, a partir da relação entre processo de reafirmação étnica e luta por direitos (território e cidadania). Nessa perspectiva, ressalta-se que existem diferentes modos de dar sentidos e significados a uma manifestação, não apenas socialmente, mas também do ponto de vista representacional. Tem-se por finalidade dar voz aos Pataxó, a fim de desconstruir estereótipos historicamente construídos e documentar essa manifestação etnodesportiva, no intuito de caracterizá-la como um patrimônio cultural imaterial. Para isso, escolheu-se a linha decolonial de abordagem

epistemológica, a fim de superar o pensamento moderno ocidental, “abissal”. Os Pataxó vêm transformando os JIP de manifestação esportiva em uma manifestação cultural tradicional, e de que diferentes aspectos morais, emocionais, políticos, culturais e históricos podem influenciar os significados desses jogos. A identidade dos JIP, assim como a identidade étnica, é uma construção atualizada no cotidiano das relações entre povos indígenas Pataxó e não indígenas, criando redes de solidariedade e reciprocidade que contribuem para a afirmação de sua identidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Indígenas Pataxós; Pataxós; Emergência Étnica; Etnicidade.

Os jogos são mais antigos que a própria civilização. diz Huizinga (2000). O autor os vê presentes em todos os campos da práxis humana. Os jogos, portanto, podem ter vários significados e serem praticados com os mais variados objetivos.

Dentre a diversidade de jogos, os dos indígenas Pataxó são de grande importância para seus praticantes, possuindo significados específicos e praticados com objetivo de ajudar na luta por seus direitos. Esses jogos foram criados oficialmente, segundo Boas (2008), no ano 2000, em decorrência das comemorações

dos 500 anos do descobrimento do Brasil, no município de Santa Cruz Cabrália, no estado da Bahia.

Esse evento teve como inspiração Jogos dos Povos Indígenas que, segundo Almeida (2010), ao analisar o documento oficial que orienta evento, descreve que os objetivos eram promover a cidadania indígena, integração,

As práticas corporais, neste âmbito, possibilitam a interação entre distintas etnias, resultando na apropriação de manifestações culturais, jogos e brincadeiras tradicionais, ritos, danças, pinturas e adornos corporais, bem como do esporte - fenômeno que possibilita a ressignificação das práticas corporais indígenas ao passo que são adotados seus princípios como norte. (Almeida, 2010, p. 61)

Desta forma, essas práticas corporais apresentadas durante este evento constituem, segundo Almeida (2011), um conjunto de manifestações da cultura corporal de movimento de cada etnia indígena, portanto, possuem sentidos e significados próprios dentro das diversas culturas indígenas.

Essas manifestações culturais decorem em consequência do processo de “esquecimento” sofrido pelos indígenas no período colonial até os dias atuais. Entende-se aqui como esquecimento não como a perda da memória, mas

a opção pelo silêncio sobre si mesmo enquanto estratégia de convivência, visando evitar novas situações constrangedoras e garantir as condições de comunicação das vítimas com o meio ambiente em que passaram a viver. (Oliveira, 2016, p. 78)

Desta maneira, as estratégias inventadas pelos indígenas se configuram como elemento para reverter esse processo de esquecimento e invisibilidade pelos quais passaram e que contribuíram para uma visão distorcida e preconceituosa do que seja, hoje, um índio generalizado, aquele que apresenta uma identidade pré-colonial, gerando dentre outras consequências a perda do seu direito sobre as suas terras.

Este artigo tem como proposta estudar as atividades desportivas de uma etnia indígena, sendo seu foco teórico justificado não apenas pelas contribuições que poderão trazer para o campo de produção de conhecimento, ainda pouco estudada, mas também como forma de mais uma estratégia de redução dos danos do esquecimento causado pelo processo de colonização.

Nessa perspectiva, os objetivos deste, é compreender e analisar a historiografia dos jogos tradicionais, função e o porquê da invenção dessa manifestação esportiva tradicional.

Ainda buscar-se-á através dessa manifestação contextualizar sua contribuição no processo de construção e afirmação identitária dos índios do Nordeste do Brasil, que usam das mais variadas estratégias que lhes possibilitem dar visibilidade social e redução das consequências do processo de esquecimento.

Esse esquecimento ocorreu devido ao processo de formação do Estado Brasileiro, que exigia a criação de uma unidade, nação, de acordo com Oliveira (2016)

está assentada em processos violentos de submissão das diferenças e na erradicação, sistemática e rotineira, de heterogeneidades e autonomias. Os fatos e personagens destes processos são objeto de um forte controle social, e apresentam-se para as gerações seguintes de forma quase ritualizada, sempre institucionalizada em certas formas de percepção e narratividade. A variabilidade de seus usos em contextos sucessivos e diversos não chega a abalar a espessa rede de esquecimentos sobre a qual tais acontecimentos estão assentados. (Oliveira, 2016, p.75)

Salienta ainda o autor, que os efeitos da formação dessa nação geraram o esquecimento por parte dos indígenas e não indígenas; ele não pode ser entendido apenas como o “lugar (ou lugares) do esquecimento, mas os efeitos múltiplos que do esquecimento, a partir de um conjunto heterogêneo de narrativas e imagens, vêm a produzir”.

Assim como consequências do esquecimento, pode-se afirmar que elas são distintas daquelas das memórias públicas e oficiais,

Ao contrário dos lugares de memória, não possuem monumentalidade, não celebram, não operam com superlativos, mas diminuem, apequenam os fatos e personagens envolvidos. Tampouco os tornam sagrados, mas se apresentam mais frequentemente como lúdicos, curiosos, espontâneos. Não são assumidos como centrais à nacionalidade, mas como periféricos, secundários, quase anedóticos e casuais. Em vez de enormes estátuas de pedra, só muito lenta e superficialmente marcadas pela força dos elementos da natureza, os efeitos do esquecimento são como esvoaçantes borboletas, que sussurram coisas que nos divertem e encantam. (Oliveira, 2016, p. 77)

O esquecimento, portanto, está disperso em várias narrativas e engendrado por diferentes formações discursivas e acionado em contextos históricos variados, aponta Oliveira (2016). Dessa maneira substituir o discurso e narrativas homogêneas, pois

é por meio dessas representações que os agentes sociais e as épocas irão registrar (ou não) a presença de indígenas, bem como se relacionar com eles. Por isso mesmo, sua identificação e análise são imprescindíveis para a Antropologia e para uma abordagem historiográfica dos múltiplos usos da história, com o estabelecimento de uma postura mais vigilante quanto aos saberes constituídos. (Oliveira, 2016, p. 78)

Nesse sentido, falar em esquecimento não significa a perda efetiva da memória por parte daqueles que experimentaram esse processo, seja direta ou indiretamente, mas

a opção pelo silêncio sobre si mesmo enquanto estratégia de convivência, visando evitar novas situações constrangedoras e garantir as condições de comunicação das vítimas com o meio ambiente em que passaram a viver. Mesmo em um contexto histórico modificado, os que sofreram com efeitos tão devastadores da dominação podem sentir um grande desconforto em explicitar suas memórias, e acabam por lidar com elas como fatos indizíveis. (Oliveira, 2016, p.78)

O trecho ajuda a compreender as consequências sofridas pelos Pataxó geradas

pelo processo de colonização e, mais recentemente, depois da dispersão ocasionada pelo evento conhecido como “Fogo de 51”; as consequências do esquecimento fizeram com que ser índio fosse, categoricamente, por em jogo a integridade física e moral daqueles que se identificavam assim. Era melhor usar como estratégia o esquecimento de tudo que passaram para sobreviver na sociedade.

Desta maneira, pretende-se, através da perspectiva histórica dos subalternos/ dominados, revelar a memória dos Pataxó, que lhe foi transmitida até os dias atuais, pois ela, segundo Oliveira (2016) precisa ser “compreendida como abrangendo diferentes formas de tradição (como os usos da geografia, os ritos, as biografias dos caciques, até incluindo as interpretações nativas de documentos legais de criação de ‘resguardos’)”.

Os Pataxó como um grupo étnico têm formas próprias de produzir a vida coletiva, segundo Almeida (2017) “cada contexto sociocultural é determinado por relações ambientais e sociais, historicamente vividas e experienciadas em suas corporeidades”. Essas práticas são importantes para cada grupo, porque

É precisamente por meio das práticas corporais que esses grupos constroem relações sociais que expressam sentidos e significados, forjados em suas consciências coletivas. Assim, por serem construções socioculturais, as práticas corporais dependem das possibilidades de mediações que cada grupo vivenciou em sua práxis (BOURDIEU, 2000). Fato é que, por meio da língua, dos corpos e das práticas corporais, as comunidades tradicionais identificam-se ou diferenciam-se de outros (Apud, Almeida, 2017, p.3)

Assim, essas práticas estão carregadas de sentidos e significados que podem expressar o que pensam os Pataxó sobre essa manifestação esportiva, mediada pela relação do corpo e natureza, pois é nela que

as comunidades tradicionais se constroem no cotidiano e nas práticas corporais dos sujeitos de forma que, como atores sociais, eles se investem de sentidos e significados em suas ações, ao mesmo tempo em que definem suas demandas e travam estratégias de luta pela sobrevivência no espaço-tempo por eles reconhecido como seu. (Almeida, 2017, p.9)

Assim, contribuem os jogos tradicionais para a legitimação da luta pelo direito de suas terras e seu reconhecimento como sujeitos a ela pertencentes, ou seja, como algo autêntico. Logo, esses conhecimentos presentes nesses jogos

requerem, também, vínculos com o ambiente de pertencimento, no qual todos se conhecem, se influenciam mutuamente e cuja participação está carregada de significados, promovendo experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. (Ferreira, 2017, p. 243)

Eles se enquadram na categoria de autenticidade, pois neles se reconhecem os participantes, compartilham significados em comum ou que são por eles incorporados através dessa manifestação festiva, essa categoria cultural, desta forma, pode ser

definida de acordo com a visão de Gonsalves (2005) como aquela cultura que

[...] “não é necessariamente alta ou baixa; é apenas inerentemente harmoniosa, equilibrada e auto satisfatória. Ela é a expressão de uma atitude ricamente diversificada diante da vida e ainda assim consistente, uma atitude que vê a significação de qualquer elemento da civilização em sua relação com todos os outros” (Gonçalves, 2005, p. 30)

Nessa perspectiva, como aponta o autor, quando são autênticas, “essas formas não se dissociam dos indivíduos, e estes as sentem como parte deles, como sua criação e não com algo estranho”, portanto são vivenciadas e despertam o sentimento de pertença a essas culturas, sejam elas criadas ou transformadas, assim

A noção de pertencimento do indivíduo ao grupo ocorre em meio ao compartilhamento de valores afetivos e simbólicos entre pessoas. A diversidade cultural desses povos é fruto da ação das pessoas como criadoras, guardiãs e usuárias dos bens culturais (PELEGRINI e FUNARI, 2008). As práticas corporais, nesse sentido, são bens culturais de natureza imaterial. (Almeida, 2017, p.11)

Nota-se que a categoria de pertencimento e não pertencimento está relacionada com a experiência de vida das comunidades, onde segundo Walsh (2012) pode gerar os diferentes sistemas de classificação para um estabelecimento da ordem das coisas, que por sua vez, torna-se uma instância da produção de conhecimento que é transmitida e reproduzida em diferentes contextos comunitários, portanto, bens culturais, mesmo que

sejam eles de natureza material ou imaterial, fazem parte da totalidade das sociedades tradicionais e colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados pelos indivíduos. Todavia, como produtos da ação humana, esses bens são reconstruídos constantemente em meio a um processo dinâmico e específico de cada cultura. Essa constante recriação proporciona às práticas corporais o sentido de continuidade, podendo ser transmitida de geração em geração, tendo como base suas tradições. (Almeida, 2017, p.11)

Esses conhecimentos muitas vezes foram silenciados devido ao longo processo de colonização que passaram os indígenas no país, foram vistos como pilar para o progresso nacional, assim como ocorreu no Caribe Seco citado por Walsh, (2012), em que

Esses homens e mulheres criaram uma dinâmica de ocultação para preservar os conteúdos necessários para formar e formalizar a coletividade e, assim, assegurar a continuidade desses conhecimentos que foram convertidos em ferramentas cognitivas para um melhor desenvolvimento. (Walsh, 2012, p.369)

Assim, se utilizam dessa memória “esquecida” ou ocultada como parte de uma estratégia que ajuda a reivindicar a adesão em um território compartilhado com outros povos e a defender o direito de ser e estar nesses lugares da geografia nacional,

aponta Walsh, (2012). Dessa forma, pertencer pode assumir vários sentidos, desde o que se refere à classificação dos corpos até a vida a que pertencem.

Outro dado importante citado por Gonsalves (2005) sobre a autenticidade de uma cultura é que ela “não se impõe de fora sobre os indivíduos, mas de dentro para fora, sendo uma expressão da criatividade destes”. Igualmente importante na compreensão dessa autenticidade é a atitude adotada em relação ao passado, instituições, tesouros de arte e pensamento

“Esse passado, no contexto dessas culturas, não existe na forma como determinados objetos são apreciados através das vitrines dos museus. Na verdade, afirma Sapir, “[...] o passado é de interesse cultural apenas quanto ele está ainda presente e pode tornar-se o futuro” (Sapir, 1985, p. 325, tradução minha). Esse aspecto, cabe sublinhar, mantém uma ostensiva afinidade com a categoria “patrimônio”, tal como a estamos explorando nestas reflexões. (Gonsalves, 2015, p.30)

Observa-se a presença dos elementos de dimensões subjetivas nessa explicação da autora, o que leva a acreditar que uma cultura, ou neste caso específico de um evento, que se caracterize como autêntico, deve ser compreendido não só na sua dinâmica objetiva, bem como a subjetiva, pressupondo que exista “sempre alguma forma específica de continuidade entre passado, presente e futuro”.

Nesse íterim, Gonçalves (2005) ressalta sobre a importância da utilidade dessa noção de cultura autêntica que é um “instrumento conceitual para interromper todo e qualquer processo de definição e objetificação de formas culturais”.

Como pode ser visto acima, no pertencimento assim como na autenticidade estão presentes fatores não apenas objetivos, ele,

é considerado a partir da diferença entre a vida dos mortais e a existência de dispositivos que não são seres vivos, mas seres de existência permanente que se tornam visíveis em situações particulares onde são alteradas, ... assim como a alteração de certas convenções culturais que atuam na regulação das ações das pessoas. (Walsh, 2012, p. 373)

Exemplo dessas convenções de regulação são os mitos que narram as origens das coisas, do mundo, dos animais, do homem, das virtudes e dos defeitos, das riquezas, dos seres espirituais e dos fenômenos naturais. Todos esses elementos devem ser levados em consideração para o melhor entendimento desse sentimento de pertença de uma comunidade indígena. Essas narrativas fundantes, segundo aponta o autor acima, atuam na forma de um mito, também cumprem à função geradora do sentido de pertinência,

Eles ajudam a colocar a questão do lugar e seus aspectos mais importantes, chegando a gerar a afirmação da vida e o direito de ser e estar nos lugares onde seus antepassados forjaram a tradição unificadora do conteúdo atuando nas pessoas e a comunidade. Ao abordar a categoria de pertencer e não pertencer, ele revela como a experiência sobre os sistemas de classificação de conhecimento, que é o resultado das trajetórias dos povos e comunidades, estão organizadas, são definidas de acordo com maneira de viver o coletivo. Isso significa que, para

quem não sabe, quem não participou dos processos de produção e reprodução de aglutinadores de conteúdo, esses sistemas não representam nada; (Walsh, 2012, p. 374)

Assim, o entendimento do que seja autenticidade cultural permite a ressonância das manifestações culturais àqueles que se representam com elas, despertando o sentimento de pertença, pois fizeram parte desta construção, pelo fato de se identificarem com elas. Por conseguinte, se aproximam da categoria “patrimônio” que, segundo o autor

“oscilam possivelmente entre um patrimônio entendido como parte e extensão da experiência e, portanto, do corpo, e um patrimônio entendido de modo objetificado, como coisa separada do corpo, como objetos a serem identificados, classificados, preservados, etc. Por um lado, um patrimônio inseparável do corpo e suas técnicas – o corpo, que é, em si, um instrumento e um mediador social e simbólico entre o self e o mundo (Mauss, 2003, p. 401-424); e, por outro lado, um patrimônio individualizado e autonomizado, com a função de assumir o papel de “representação” ou de “expressão” emblemática de categorias que são transformadas em alguma forma de entidade, seja a nação, o grupo étnico, a região, a natureza, entre outras.” (apud walsh, 2012, p.32)

Essas categorias são, logo, um termo chave para o desenvolvimento deste artigo, pois à medida que essa manifestação seja autêntica, pode ser melhor compreendido seu pertencimento, ressonância e sua categorização como patrimônio imaterial Pataxós.

Assim, as práticas corporais nos Jogos Indígenas serão compreendidas como ações rituais performativas, pois

requer apoiar-se nas concepções sobre ritual elaboradas por Tambiah (1985; 1997), que considera que os seres humanos, em todas as sociedades, estruturam eventos que podem ser reconhecidos como rituais e que possuem significados distintos em diferentes contextos. [...] Desse ponto de vista, as práticas corporais são ações ordenadas e padronizadas que estão associadas aos rituais festivos, tradicionais, cristãos e interétnicos vivenciados pelos indígenas no Brasil. Nessa perspectiva, a análise de tais práticas deve levar em consideração os sistemas econômico, político e cultural das culturas tradicionais. (Almeida, 2017, p.12)

Desta maneira, os jogos contribuem para reelaboração dos sentidos identitários como aponta Fasshaber (2008), ela,

genericamente pode ser entendida como um código de pertencimento circundado ao campo dos valores o qual funciona como um passaporte que nos garante estadias entre grupos sociais (no sentido amplo do termo). Uma questão fundamental é o fato de que toda identidade, enquanto código de pertencimento depende da relação entre experiência e conhecimento dela derivado. (apud CARDOSO & VAINFAS, 1997, p. 411) (Fashaber, 2008, p.5)

Nesse interim, buscar-se-á através da memória que é narrada a partir do mito e da ritualização da vida nos espaços de convergência de experiências relacionadas ao mágico, ao sagrado e ao espiritual, que estiveram ausentes em muitos estudos,

revelar o grau de autenticidade e pertencimento que os Pataxós têm em relação aos Jogos indígenas. Essa maneira de analisar e entender essa manifestação possibilita segundo (Walsh, 2012)

organizar e estabelecer os conteúdos que direcionam o desenvolvimento das pessoas nessas comunidades é produzido a partir dos sistemas de classificação de conhecimento; isso ocorre em correspondência a gênero, geração, trajetória familiar, papel e ações que derivam de práticas intraculturais. Assim, define-se o lugar ocupado pela pessoa na comunidade, fortemente relacionado com "os quadros sociais da memória (Walsh, 2012, p.382)

Portanto, através dessas memórias, ou seja, do ouvir e agir, que possibilitará compartilhar um mundo próximo, muitas vezes oculto ou esquecido,

existente na experiência daqueles que vivem o coletivo de vozes e imagens que se tornam na abertura de sentidos que, quando narrados, permanecem na memória das pessoas, não de forma estática e totalizadora, mas em pedaços que podem ser levados em conta quando se olha para retenções, esquecimentos, silêncios e obliterações. (Walsh, 2012, p. 384)

Desta forma, cita o autor que ouvir dá certa sensibilidade para viver a cultura a partir de referentes de mundos que estão presentes através de palavras, especialmente, quando ocorre a conversa intergeracional. Então, ser autêntico e pertinente é

a maneira de produzir raízes ao território pela realização do mandato da tradição que gerou nas maneiras como as pessoas representam o coletivo como parte de uma construção de um espaço físico e mental, que narrou na proximidade do familiar, contos do próprio, bem como chegando a diferenciar o apropriado aos usos e costumes culturais (Walsh, 2012, p. 389)

Essa forma de representação sobre as práticas corporais, portanto, não perpassa apenas pela ótica objetiva, mas também subjetiva (espiritual, cósmica, mágica), analisa ainda Almeida (2017)

As práticas corporais como sistemas de comunicação simbólica deixam de ser apenas a ação que corresponde a um sistema de ideias, como apregoava Lévi-Strauss (1970). "Vivemos sistemas rituais complexos, interligados, sucessivos e vinculados, atualizando cosmologias e sendo por elas orientados" (PEIRANO, 2000, p. 12). (apud, Almeida, 2017, p,12)

Nessa perspectiva, pode-se afirmar, através do exposto, o quanto de autêntico e pertinente essa manifestação esportiva é para o povo Pataxós, pois nela estão presentes muito dos seus ritos, mitos e tradições, sejam elas do passado, ou através de apropriação de elementos presentes no meio em que vivem. Revelar esses sentidos e significados é uma possibilidade de serem ouvidos, e, assim, melhor compreendidas as lutas dos índios Pataxós.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. **Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.
- ALMEIDA Arthur José Medeiros de; Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna **Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas**. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 53-71, outubro/dezembro de 2010.
- ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de, Luiz Renato Vieira, Letícia Rodrigues Teixeira e Silva, Arthur José Medeiros de Almeida, Thiago Camargo Iwamoto, Reigler Siqueira Pedroza, Ana Amélia Neri Oliveira. **Atividades físicas e esportivas (AFEs) e populações tradicionais no Brasil: indígenas, quilombolas e ribeirinhos**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. 2017.
- BOAS, Fábio Souza Vilas. **Jogos Indígenas Pataxó em Coroa Vermelha – Bahia Discutindo o Jogo no Processo de Afirmação da Identidade Cultural**. Rio de Janeiro: UGF, 2008.
- FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça, Liliane da Costa Freitag, Maria Beatriz Rocha Ferreira. **Jogos dos Povos Indígenas: um “lugar” de negociações sociais**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.
- FERREIRA, Maria Beatriz Rocha, Vera Regina Toledo Camargo. **Jogos mundiais dos povos indígenas: Um sonho que realiza**. Athlos Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte International Journal of Social Sciences of Physical Activity, Game and Sport Vol X – Año V N°10 Julio 2016.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades** / João Pacheco de Oliveira. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- WALSH, Catherine. **PEDAGÓGICO DECOLONIAL: Práticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Serie pensamiento Decolonial. 2012

SOBRE O ORGANIZADOR

Wendell Luiz Linhares - Possui graduação plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2011), especialização “Lato Sensu” em Educação e Gestão Ambiental pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2011). Em 2016 concluiu sua segunda graduação, sendo o curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e em 2019 se tornou Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG). Seus estudos têm como objeto o Esporte, sobretudo, o Futebol, tendo pesquisado suas diversas manifestações durante a graduação e pós-graduação. Atualmente têm desenvolvido pesquisas relacionadas ao processo de “identificação e pertencimento clubístico” e atua como docente da disciplina de Educação Física na Rede Particular de Ensino da cidade de Ponta Grossa – Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 86

Articulação do quadril 6

C

Capacitação profissional 85

Colegios rurales agrupados 61, 64

Coluna vertebral 22, 23, 25, 27, 28

Comportamento 20, 29, 49, 51, 52, 56, 58, 71, 79, 80, 81, 83, 113, 117, 123

Conflito 51, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

Crossfit 40, 41, 47, 48

D

Desvio postural 22, 26, 27

E

Educación física 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72

Educación Infantil y Primaria 61, 67

Educación integral 61

Emergência étnica 31

Escola 12, 29, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 60, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 89, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 107, 110, 111, 113, 114, 119, 121, 122, 123, 124

Escuelas unitarias 61, 63, 64, 66

Etnicidade 31

Exercício físico 6, 17, 22, 24, 26, 30, 40, 42

Extensão universitária 85, 86, 88, 89, 91, 92, 94

F

Futebol 49, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 78, 103, 106, 116, 117, 118, 120, 121

G

Gordura corporal 13, 14, 15, 16, 17, 19

I

Idosos 13, 18, 19, 20, 21

J

Jogos Indígenas Pataxós 31

M

Maleabilidade 6

Modalidade esportiva 40, 41, 47, 50, 97

Musculação 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29

Músculos 13, 14, 15, 19, 25, 27, 28, 29, 42

P

Pataxós 31, 37, 38

Pessoas com deficiência 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 104

R

Relação pais e filhos 49

S

Sintomatologias dolorosas 41

T

Treino com peso 13

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-651-5

